

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
HOURS AND HOURS - OS FILMES PARA TELEVISÃO DOS GRANDES MESTRES DE
HOLLYWOOD
22 e 29 de Dezembro de 2023

VERBOTEN! / 1958

um filme de Samuel Fuller

Realização e Argumento: Samuel Fuller / **Direcção de Fotografia:** Joseph Biroc / **Direcção Artística:** John Mansbridge / **Cenários:** Glen Daniels / **Guarda-Roupa:** Bernice Pontrelli / **Música:** Harry Sukman / **Som:** Jean L. Speak / **Montagem:** Philip Cahn / **Interpretação:** James Best (David Brent), Susan Cummings (Helga Schiller), Tom Pittman (Bruno Eckart), Paul Dubov (Capitão Harvey), Harold Daye (Franz Schiller), Dick Kallmann (Helmut Strasser), Stuart Randall (coronel), Steven Geray (o "burgermeister"), Anna Hope (senhora Schiller), Robert Boon (um oficial das SS), Sasha Harden (Eric Heiden), Paul Busch (Gunther Dietrich), Neyle Morrow (Kellogg), Joe Turkel (um soldado), etc.

Produção: Globe Enterprises / **Produtor:** Samuel Fuller / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, preto e branco, falada em inglês (e alemão) com legendas em português, 79 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Verboten! apareceu entre dois dos mais conhecidos e aclamados filmes de Samuel Fuller, **Forty Guns** (1957) e **The Crimson Kimono** (1959). Fuller rodou-o nas mesmas condições que eles, fora do âmbito de uma "major" (Fuller já saíra da Fox, e filmava agora para um pequeno estúdio, a Globe Enterprises), quase com a mesma equipa técnica (os nomes das fichas técnicas de **Forty Guns** e **Verboten!** são praticamente os mesmos) e gozando da liberdade proporcionada pela dupla condição de realizador e produtor. Por alguma razão, a encontrar entre as péssimas condições em foi distribuído (a Globe tinha um acordo de distribuição com a RKO, que entretanto mudou de proprietário e "chutou" os direitos do filme, que andaram a passear entre várias distribuidoras) e o fraquíssimo acolhimento crítico nos EUA e na Europa (lá vieram os *Cahiers* e o proverbial Luc Moullet em socorro de Fuller, aliás num admirável texto publicado em Junho de 1960) **Verboten!** nunca gozou a mesma fama dos títulos que cronologicamente o circundam, tornando-se até um filme bastante raro. Belíssimo filme, de *guts* ("tripas") profundamente fullerianas, não custa por isso admitir, por uma vez, alguma razão à injustiça que secundarizou **Verboten!**; pela simples razão (e não se trata de fazer *fine bouche* a Fuller, não seria nosso género) de que **The Crimson Kimono** e, sobretudo, **Forty Guns**, merecem ser mais famosos do que **Verboten!**. É como diz (deixemo-lo vir agora em nosso socorro) Luc Moullet no referido texto: "*Fuller se situe perpétuellement à cheval entre un lyrisme frénétique, dont le prototype est sans doute **Forty Guns**, et le petit train-train raisonneur et ordonné de l'honnête homme démocrate (...)*". Simplificando um pouco a ideia de Moullet, que diz que destas duas tendências de Fuller a primeira é a "melhor" por ser "inata" e "temperamental" enquanto a segunda é o resultado de uma "aquisição pela educação", diríamos, de uma maneira que não foi a empregue por Moullet, que a primeira tendência foi a que fez recair sobre Fuller as célebres acusações de "fascismo", enquanto a segunda foi aquele em que ele as tentou, mais ou menos deliberadamente, aparar. **Verboten!**, filme ambientado nos últimos dias da II Guerra e nos primeiros tempos da ocupação americana da Alemanha derrotada, e filme que coloca muito directamente o "fascismo" (ou mais propriamente o nazismo) entre os seus objectos

de análise, pertence, com alguma clareza e mantendo a dicotomia de Moullet, à segunda tendência.

Mas justamente por isso, e tentemos agora entrar dentro do filme como deve ser, os filmes de Fuller de que mais nos lembramos enquanto vemos **Verboten!** são filmes posteriores, e até bastante posteriores. **The Big Red One** ou **White Dog**, obras dos anos 80, que retomam, com uma perspectiva aproximável da de **Verboten!**, os temas, centrais em Fuller, da guerra e do fascismo. A guerra, a II, que foi, são os seus filmes que o dizem, um ponto fulcral na experiência de vida de Samuel Fuller. Encontramo-la aqui dada naquela espécie de realismo despovoado, meramente "indicativo" e possuído por uma discreta "estética das ruínas" (toda a primeira parte do filme, até ao encontro entre o soldado ferido e Helga), que fortemente antecipa **Big Red One**, a sua "autobiografia de guerra". E de resto, o desejo de realismo na representação da guerra em **Verboten!** (que inclui não poucas imagens de arquivo entre as imagens filmadas por Fuller) leva Fuller sempre um passo adiante, como se não fossem apenas os "gestos" da guerra mas as suas "emoções" (cf. **Pierrot le Fou**): a total imersão no jogo do matar ou morrer, o sentido de embriaguez, para além do bem e do mal, do moral e do imoral, que ele provoca. Ninguém filmou isto como Fuller, e em **Verboten!** é quase inacreditável a sequência do ataque ao som dos primeiros acordes da *Quinta Sinfonia* de Beethoven – seria "ingénuo" se Fuller usasse Beethoven (ou outro compositor qualquer) para fazer "épico", mas não é "épico" que ele quer fazer; antes uma equiparação, uma maneira de nos dizer: não percebem o que é a embriaguez da guerra se não souberem o que é a embriaguez da música. Essa cena de **Verboten!** vai mais longe do que qualquer coisa de que Kubrick se tenha lembrado, e mesmo Coppola, no **Apocalypse Now**, precisou de "escudar" a *Valquíria* (que também se ouve noutra cena do filme de Fuller) na demência de uma personagem.

Depois, o fascismo. Tudo em **Verboten!** está armadilhado desde o princípio – e essa palavra ("proibido"), que os soldados americanos dizem ler a cada esquina é a expressão, o "slogan", dessa armadilha. **Verboten!** não deixa de reflectir, de algum modo, sobre os processos de "desnazificação" que os aliados se sentiram obrigados a levar a cabo nos primeiros anos depois da guerra, e aliás por mais de uma vez, nos diálogos entre Helga e David, vem ao caso a questão da diferença entre um "alemão" e um "nazi". É por aí que, a um nível individual, faz sentido a extrema generosidade, e considerável ingenuidade, do protagonista, porque a sua limpidez e clareza contrastam com a enorme ambiguidade dos que o rodeiam, a começar pela própria Helga (personagem a quem o filme guarda cuidadosamente a *possibilidade* de ser uma oportunista dissimulada), continuando no traidor Bruno e chegando à espantosa personagem do miúdo Franz, que exprime o fascismo como condicionamento educativo e coloca o problema da sua transmissão e propagação (e se Franz traz à memória, até fisicamente, o miúdo do **Alemanha, Ano Zero**, de Rossellini, também podemos dizer que se trata do "white dog" desta história). Mas, chegando aqui, percebe-se bem que o realismo "indicativo" de Fuller o seja por razões mais complexas do que limitações de orçamento: a Alemanha arruinada, os "werwulf", transformam-se quase em mero pretexto (historicamente justificado, é certo) para falar de processos que se repetem, de muitas formas diferentes, em sítios diferentes do mundo. Será por acaso que **Verboten!** pode, a partir de certa altura (o "forasteiro" numa cidade corrupta; a cena do quase-linchamento; o incêndio do final), parecer-se tanto com um "western"?

Luís Miguel Oliveira